

# CCF inova na negociação de títulos do Terceiro Mundo

por Ronaldo D'Ercole  
de São Paulo

O Crédit Commercial de France (CCF) fechou, no dia 8 deste mês, uma operação que pode significar ao sistema financeiro internacional a abertura de novos caminhos para o tratamento da problemática questão da dívida externa dos países do Terceiro Mundo. Com uma carteira de créditos duvidosos junto aos países em desenvolvimento da ordem de US\$ 1,5 bilhão, o banco francês lançou mão de uma fórmula que, num primeiro momento, irá valer-lhe a redução em US\$ 500 milhões do "exposure" junto aos devedores.

Depois de encerrar 1988 com crescimento de 30% em seu lucro líquido — que totalizou US\$ 82 milhões — e aumentar suas provisões contra devedores duvidosos para 58% de seus créditos, o CCF montou uma operação que até o final deste ano, ou começo do próximo, retirará de seus livros cerca de US\$ 1 bilhão, ou dois terços de seus créditos com o Terceiro Mundo. Em "press release" distribuído à imprensa europeia há duas semanas,

a instituição informava ter vendido à Financial Overseas Holdings Finov — uma "trust company" controlada pelo Royal Bank of Scotland — US\$ 500 milhões de seus créditos relativos às dívidas da Argentina, México, Filipinas, Iugoslávia, Nigéria e Panamá.

Esses títulos foram adquiridos pela Finov por 46% de seu valor de face, ou seja, a companhia desembolsou apenas US\$ 230 milhões por créditos que valem US\$ 500 milhões. Se fosse negociada no mercado secundário, dificilmente esta carteira alcançaria tal valor, estima o banco francês. Em contrapartida, a Finov emitiu US\$ 500 milhões em "euronotes" que foram totalmente adquiridos pelo CCF. Esses títulos têm prazo para resgate de 25 anos e rendem juros variáveis que deverão assegurar ao CCF retorno em juros de no mínimo 50% da Libor — taxa interbancária de Londres.

Admitindo tratar-se de uma complexa operação, e mesmo lembrando que fórmula semelhante foi utilizada pelo Morgan Guaranty no ano passado — no caso estavam envolvidos apenas créditos que o ban-

co tinha junto ao México — Charles de Croisset, vice-presidente executivo da matriz francesa do CCF, diz considerar esse mecanismo uma "inovação". Falando a jornalistas na quarta-feira em São Paulo, Croisset defendeu a originalidade do negócio pelo fato de os créditos não ter sido vendidos no mercado secundário e sim a uma companhia financeira.

"A finalidade da operação foi melhorar aos acionistas do banco a visibilidade dos lucros futuros da instituição", afirmou Croisset. Em outras palavras, o CCF substituiu em seus balanços créditos duvidosos por créditos "garantidos", o que deve elevar o valor das suas ações na medida em que eliminam a necessidade de a instituição fazer novas provisões.

Se para o banco credor tal fórmula representa uma "limpeza" contábil, o banqueiro considera que todo o sistema financeiro levará vantagem com a implementação deste meca-

nismo ou similares que venham a ser adotados futuramente. "Ao mesmo tempo que traz maior tranquilidade para a administração da contabilidade dos bancos credores, esse mecanismo cria um clima mais favorável a que credores e devedores discutam soluções para a dívida externa. Em suma, teria o efeito de uma 'detent'", conclui o banqueiro.

## A SUBSIDIÁRIA

A visita de Croisset ao Brasil, que está acompanhado de outro vice-presidente do CCF, Rene de la Serre, deve-se ao fato de a subsidiária brasileira do banco ter conseguido autorização formal do Banco Central para operar como banco múltiplo. Ambos discutem com os executivos da subsidiária a estratégia para a abertura das carteiras de banco comercial e crédito imobiliário no mercado brasileiro, além da de banco de investimento em que já vinha operando, passando a se chamar banco Crédit Commercial de France S.A.